

SEMANA *Pedagógica*



ANEXO II
EQUIPE DIRETIVA, EQUIPE
PEDAGÓGICA E EQUIPE DOCENTE
CONSELHO DE CLASSE



ANEXO II

CONSELHO DE CLASSE VERSUS “CONSELHOS DE CLASSE”

Os conselhos de classe, tais como vêm sendo realizados em grande parte das escolas, sofrem uma severa crítica de professores e supervisores. Tendo por objetivo a oportunidade de reunir professores, para refletirem sobre a aprendizagem dos alunos, esses momentos sofreram a influência dos modelos classificatórios e tornaram-se sessões de julgamento, muitas vezes, com réus e culpados. Para fugir ao perigo de se resumirem à apresentação de resultados e reclamações sobre atitudes de alunos, alternativas foram sendo criadas pelas escolas, como a participação de alunos, pré-conselhos, participação de pais e outras. Novas tentativas vêm sendo feitas no sentido de se buscar maior diálogo entre os envolvidos no processo avaliativo e maior consciência acerca dos processos vivenciados.

Entretanto, minha crítica dirige-se ao significado desses momentos no sentido de atender ao princípio de uma ação voltada ao futuro. Insisto, novamente, no privilégio ao passado, ao caráter constatativo e de proferição de sentenças parciais ou finais nesses momentos, em detrimento ao seu caráter necessariamente interativo, reflexivo e deliberador quanto ao futuro da aprendizagem dos alunos.

Professores e alunos, em conselho de classe, tendem seriamente a explicar e justificar resultados alcançados ao longo de um tempo, muito mais do que a buscar alternativas de superação. A excessiva preocupação burocrática desvia a atenção dos educadores das questões de aprendizagem. Em espaços de tempo absurdamente restritos, ditam rapidamente notas ou conceitos, apresentam “queixas” sobre atitudes dos alunos, sem tomar nenhuma decisão conjunta sobre como prosseguir a partir dali. Uma escola particular estipulou a presença dos alunos durante todo o conselho de classe dos professores. Pela sua pouca disponibilidade de tempo e horários, os professores acabam não tendo nenhum outro momento para conversar sobre questões epistemológicas e didáticas que só lhe dizem respeito.

No meu entender, esses momentos precisam ser, urgentemente, repensados pelas escolas como espaços educativos dos professores na construção de uma proposta interdisciplinar, para a ampliação de suas perspectivas acerca dos



diferentes jeitos de ser e aprender do educando na relação com outros educadores e com outros saberes. Só têm significado se forem constituídos com o propósito de aprofundar a análise epistemológica e didática do processo de aprendizagem dos alunos, de deliberar ações conjuntas que contribuam para o aprimoramento das ações futuras do corpo docente, dos alunos e de toda a escola. Uma observação conjunta, o diálogo interdisciplinar sobre o percurso de cada aluno reverte em benefício ao trabalho pedagógico de toda a escola.

Outro problema denunciado pelos professores é que, nessas ocasiões, questões atitudinais ocupam um enorme tempo em detrimento às questões de ensino-aprendizagem. As considerações sobre as dificuldades dos alunos ficam muitas vezes restritas a problemas emocionais e de conduta, sem tempo para tomadas de decisão conjunta no plano epistêmico e didático tais como: o aluno está se desenvolvendo em relação às estratégias de raciocínio necessárias a uma área de conhecimento? Quais as alternativas pedagógicas sugeridas para favorecer a sua aprendizagem? Qual será o envolvimento de cada professor nesse sentido?

Para atribuir significado a esses processos, educandos e educadores precisam estar engajados numa discussão que não tem por finalidade o cumprimento burocrático da avaliação, mas a reflexão conjunta, o apoio pedagógico e interdisciplinar na resolução de problemas de aprendizagem que fazem parte do seu cotidiano.

À medida que se concebe a avaliação como um compromisso de futuro, o olhar para trás deixa de ser explicativo ou comprobatório e transforma-se em ponto de partida para a ação pedagógica. Projetar a avaliação no futuro dos alunos significa reforçar as setas dos seus caminhos: confiar, apoiar, sugerir e, principalmente, desafiá-los a prosseguir através de provocações significativas.

REFERÊNCIA

HOFFMAN, Jussara. Avaliar para promover: as setas do caminho. 9. ed. Porto Alegre: Mediação, p. 27-28, 2001.